

Crise explode no dia decisivo

JOSÉ FERNANDO LEFCADITO

Uma tarefa ingrata — e inadiável, se confirmada a pesquisa de boca de urna — aguarda o candidato Fernando Collor de Mello: ele terá de resolver a crise entre os membros de sua equipe que, depois de ter sido abafada nos últimos dias da campanha, explodiu ontem, com violentos ataques de parte a parte entre seu irmão Leopoldo e o assessor de imprensa Cláudio Humberto Rosa e Silva. "Não quero nem conversar sobre esse cidadão, atacou Leopoldo, ontem, no comitê da Rua

Argentina, em São Paulo, sitiado por centenas de partidários de Collor que já comemoravam a vitória. "A não ser andar de avião com meu irmão, ele não teve nenhuma atuação na campanha. A única coisa que ele fez foi azedar as relações de Fernando com a imprensa."

Em Maceió, Cláudio Humberto rebateu: "Tem gente que está nesta campanha por competência e tem gente que está por consanguinidade". E foi além: "Eu cheguei aqui por competência, por raciocinar com o cérebro, não com as patas

ou os punhos", dizia o jornalista, tomando o desnecessário cuidado de não citar nominalmente o alvo inconfundível de suas baterias.

Na capital de Alagoas, Collor teve a companhia dos irmãos Leda e Pedro. Mas Leopoldo, que participou da coordenação da campanha nos últimos dez meses, preferiu ficar distante no dia decisivo. Com Collor, viajava Cláudio Humberto, transformado no principal inimigo de seu irmão desde que Leopoldo resolveu conduzir com mão de ferro todos os pas-

sos finais do candidato e de sua propaganda eleitoral. Na guerra de guerrilha que se estabeleceu nos últimos dez dias, Collor se esforçou para conter declarações. Ainda assim, os resmungos de Cláudio Humberto, de Belisa Ribeiro, de Zélia Cardoso de Mello e do líder do PEN na Câmara, Renan Calheiros, mostraram claramente que a crise estava mais que latente.

Na última quinta-feira, enquanto voava ao lado de Collor de Brasília para São Paulo, rumo ao último debate, o deputado Renan Calheiros se queixou

muito das críticas que Leopoldo fizera ao trabalho da equipe. "Faça como a Belisa. Finja que não ouviu. Isso tudo resolvemos depois de domingo", tentou contemporizar Collor.

Collor não esperava, no entanto, que o bombardeio entre as duas partes fosse escancarado no próprio domingo da eleição. Em sua sala no comitê paulista, já certo da vitória com base nos resultados das pesquisas de boca de urna, Leopoldo despejou sua carga em resposta aos petardos que Cláudio Humberto disparara poucas horas antes.

em Maceió. "Na minha opinião, ele não atendeu aos pressupostos que se exigiriam em seu trabalho. Ali é só presunção e pretensão", avaliou Leopoldo, ao discorrer sobre o assessor de seu irmão. "O futuro dele eu não sei. Vai depender do que o Fernando decidir", anunciou, sem deixar dúvidas sobre a opção que Collor terá de fazer nas próximas horas. De sua parte, Leopoldo só faz questão de garantir que não gostaria de ser ministro. "Não pretendo nada", avisou. "Cabe ao Fernando analisar."